
Apresentação

Camões sem fim

Doi

<https://doi.org/10.37508/rcl.2026.nEsp.a1508>

A razão deste novo volume camoniano da *Convergência Lusíada* remonta às palavras que li a 22 de junho de 2026 no Real Gabinete Português de Leitura:

Ao iniciarmos este Colóquio Internacional “Camões sem fim”, não será demais enfatizar o quanto esta casa está, desde as suas origens, umbilicalmente ligada a Luís de Camões.

No dia 10 de junho de 1880, quando todo o mundo lusófono louvava o poeta no terceiro centenário de sua morte, lançava-se a pedra fundamental deste edifício, em cerimônia presidida pelo próprio Imperador D. Pedro II e integrada nos grandes festejos que então mobilizaram a cidade do Rio de Janeiro.

Fazendo perdurar a data, o Gabinete promoveu outras iniciativas comemorativas, entre elas a cunhagem de uma medalha e a publicação de uma primorosa edição de *Os Lusíadas* – obra que mereceu amplo reconhecimento pela sua qualidade gráfica e editorial, sendo hoje peça rara na bibliofilia.

Ladeando a folha de rosto dessa edição, encontra-se o retrato de Camões assinado por Columbano Bordalo Pinheiro, imagem que elegemos como emblema deste encontro. Segundo registros, o retrato teria sido encomendado diretamente pelo Gabinete. E a tradição afirma que Columbano tomou como modelo o seu amigo João de Deus, poeta e pedagogo que, em 1880, contava cinquenta

anos de idade – apenas cinco ou seis anos menos do que teria Camões ao morrer.

Ramalho Ortigão, que assina o longo prólogo do volume, considerou magnífico esse retrato, observando, em palavras a ele atribuídas, que “lembra pelo estilo uma bela água-forte da Renascença e pela expressão intensa da figura revela do modo mais fiel a fisionomia histórica do personagem”. De fato, estamos diante de uma imagem que rompe com uma longa tradição iconográfica. Em vez daquele Camões heroico, que Cesário Verde descreveu, no seu famoso *O Sentimento dum Ocidental* como “brônzeo, monumental, de proporções guerreiras”, surge um homem marcado pelo tempo, mas não vencido por ele.

Nessa gravura, sem louros, sem pena, sem espada, o poeta aparece fragilizado, idoso. Agarra, porém, com mão firme, o seu maço de papéis. E é precisamente essa firmeza que nos interpela. Mais do que a figura física, mais do que a biografia sujeita aos limites da existência humana, o que ali se afirma é a permanência da obra. A mão, ainda que envelhecida, continua a reter com vigor as páginas que atravessam os séculos.

Por isso, quando surgiu a possibilidade de estender até 2026 as comemorações do quinto centenário do nascimento de Camões, essa imagem, tão profundamente ligada ao Real Gabinete, impôs-se quase naturalmente como emblema. Nela reconhecemos aquilo que o título deste colóquio procura sintetizar: *Camões sem fim*. Não a ilusão de uma eternidade pessoal, mas a continuidade de uma obra que permanece viva, renovando-se a cada leitura, a cada geração e a cada olhar lançado sobre os seus versos.

Graças ao patrocínio da ESTRUTURA DE MISSÃO PARA AS COMEMORAÇÕES DO V CENTENÁRIO DO NASCIMENTO DE LUÍS DE CAMÕES, e ao apoio irrestrito de seu Comissário Geral, Professor Doutor José Augusto Cardoso Bernardes – nosso grande amigo do Real Gabinete –, foi possível arquitetar este encontro internacional. E trouxemos ao Rio de Janeiro destacadas estudiosas portuguesas da obra camoniana – três das quais, Isabel Almeida, Maria do Céu Fraga e Vanda Anastácio, integrando o Comissariado Curato-

rial dessa “Estrutura de Missão” – para dialogarem com colegas brasileiros.

Novamente rompendo o silêncio que nesta banda do oceano a comemoração mereceu, durante estes dois dias, diferentes perspectivas e diferentes disciplinas se encontrarão em torno do nosso autor, demonstrando, mais uma vez, o convívio com o inesgotável que a sua obra proporciona.

A todos os aqui presentes, e também àqueles que nos acompanharão pelo YouTube, beneficiando-se desses múltiplos olhares lançados sobre páginas que o tempo não apaga, deixamos o nosso sincero agradecimento.

Agradecimento que se estende ainda a todos os que, com trabalho, generosidade e dedicação, contribuíram para construir estes dois dias de reflexão e celebração.

Dias que, uma vez mais, certamente virão confirmar aquilo que a obra de Luís de Camões continua a despertar em seus leitores. Porque, passados cinco séculos sobre o seu nascimento, ela permanece capaz de nos convocar, de nos inquietar, de nos reunir, de nos mover/comover.

Pois, afinal, para os leitores que amam Camões – e só quem não o lê não o estima – continua a ser verdade que, para tão longo amor, tão curta é a vida.

Confirmada a previsão de que seriam em nível de excelência os aportes trazidos à leitura de Camões por nossos convidados, cumpria resgatá-los e divulgá-los mais amplamente – o que, desta forma, aqui e agora se cumpre.

Logo depois de transcrevermos a honrosa saudação da Senhora Embaixadora Isabel Brilhante Pedrosa, transmitida em vídeo na abertura do Colóquio, passamos ao resgate da buscada diversidade de olhares sobre o poeta que nos reuniu nos dias 21 e 22 de junho na Sala dos Brasões do Real Gabinete.

Como bela *ouverture* dos trabalhos, Ana Paula Tavares, vencedora do “Prêmio Camões” em 2025, compõe uma cantata a três vozes –

onde a sua própria voz poética se entrelaça com as de Camões (“Sobre os rios”) e de Luandino Vieira (“Livro dos Rios”) tecendo elos à volta de paisagens, melancolia, exílio, tempo, memória e tantas outras inquietações que correm nas veias dos homens – no seu belo texto “Camões, O canto do eterno em terra estranha: A propósito e sobre ‘Os rios que vão’”.

Passando aos registros de viés mais ensaístico, Camões aqui efetivamente comparece como autor cuja obra se projeta em diferentes épocas, linguagens e contextos culturais, suscitando formas renovadas de leitura, apropriação, interpretação e recriação. Os vários estudos percorrem, assim, desde a estrutura e as tensões internas de *Os Lusíadas* até as suas diversas formas de recepção, passando pelas *Rimas*, pelo diálogo com autores fundamentais da literatura portuguesa moderna e contemporânea, pelas adaptações teatrais e pelas relações entre literatura, edição, censura e cultura visual.

Abre o conjunto o estudo de Helena Buescu “Proposição e Anti-proposição n’*Os Lusíadas*”, que focaliza uma das tensões constitutivas da epopeia camoniana: a relação entre a Proposição que inaugura o poema e a sua espécie de contraponto no final do Canto VII. Ao examinar a convergência de contradições históricas, simbólicas e existenciais na voz do Poeta, o estudo chama a atenção para o processo de subjetivização da matéria épica e enfatiza a natureza simultaneamente épica e lírica de *Os Lusíadas*. A chamada Anti-Proposição permite, nesse sentido, reconhecer no interior do poema uma voz autoral que não apenas celebra, mas também julga, exclui e interroga o próprio projeto de canto.

À leitura de *Os Lusíadas* segue-se a atenção às *Rimas*, no texto de Maria do Céu Fraga, “As *Rimas* de Camões: novos leitores, novos desafios?”. O estudo parte da permanência da poesia camoniana na sociedade e, particularmente, na escola, para refletir sobre o que significa conhecer Camões para além do reconhecimento de seu

lugar no cânone e de seu valor simbólico. Ler os poemas, e aceitar os desafios que eles colocam aos leitores, constitui o centro dessa proposta, que toma a figura de Dinamene como exemplo privilegiado da articulação entre celebração, transmissão e estudo da obra de um poeta clássico.

Já Vanda Anastácio, em “A morte de Camões. Acerca de um *topos* da biografia camoniana”, investiga os relatos sobre o final da vida do poeta encontrados nas páginas de seus primeiros biógrafos em diálogo com a análise das muitas representações pictóricas que esse tema veio a ganhar ao longo do século XIX, tornando-se caso único na iconografia europeia.

A permanência de Camões na literatura posterior constitui o eixo dos estudos de Isabel Almeida, Rodrigo Xavier e Sara Grunhagen, que observam, sob perspectivas distintas, a maneira como a sua obra e a sua figura são retomadas por escritores de diferentes momentos da modernidade e da contemporaneidade. Em “*Pessoa & Camões*”, Isabel Almeida examina a relação estabelecida por Fernando Pessoa ortónimo com a obra e a figura do Camões épico, acompanhando o percurso do Pessoa crítico e a elaboração de *Mensagem*. A trajetória que se estende aproximadamente de 1910 a 1934 permite reconsiderar, para além da noção de “angústia da influência”, as formas pelas quais Pessoa se aproxima de Camões e, simultaneamente, contribui para a renovação de sua presença na literatura portuguesa.

Rodrigo Xavier, por sua vez, volta-se para a figura de Inês de Castro em “A Inês sem fim de Jorge de Sena”. O estudo não se restringe a uma leitura particular do mito, mas procura evidenciar a multiplicidade de perspectivas a partir das quais Jorge de Sena o aborda em seus *Estudos de História e de Cultura*. A análise põe em relevo a sobreposição de leituras históricas e documentais a dimensões líricas, trágicas, épicas e cósmicas, mostrando como a figura de Inês se constitui, no ensaio de Sena, como um objeto inesgotável de inter-

pretação e como um mito cuja permanência decorre justamente de sua capacidade de gerar novas leituras.

Também no âmbito das apropriações contemporâneas, Sara Grünhagen, em “Que fareis com este livro? Camões em Saramago”, investiga a presença camoniana na poesia, no teatro, na crônica e no romance de José Saramago. Partindo de uma conferência de Jorge Luis Borges sobre Camões, o estudo insere a relação entre Saramago e o poeta quinhentista numa rede mais ampla de leituras e tributos entre escritores. A análise de episódios, figuras e versos camonianos evidencia o caráter intertextual e crítico dessa presença, afastando-a de qualquer adesão simplesmente reverencial ao cânone. Camões é, antes, objeto de uma apropriação recriadora, por meio da qual Saramago reabre questões relativas à recepção de *Os Lusíadas*, à tradição literária portuguesa e à própria posição do escritor diante dessa tradição. A aproximação entre a crônica “A cidade” e a peça *Que farei com este livro?* amplia essa reflexão, ao colocar em perspectiva as formas de reconhecimento e inscrição autoral na tradição.

A recepção de Camões desloca-se, nos estudos seguintes, para o espaço brasileiro. Em “Camões nos palcos brasileiros”, Márcio Muniz examina três montagens de *Os Lusíadas* realizadas em espaços teatrais de São Paulo, em 1972 e 2001. Embora separadas por diferentes contextos políticos – o primeiro marcado pela ditadura e os demais pela experiência democrática –, as três produções estão ligadas por circunstâncias comemorativas e pela atuação da produtora luso-brasileira Ruth Escobar. A partir dos roteiros e de testemunhos relativos às adaptações dramatúrgicas, o estudo acompanha as diferentes soluções encontradas para a transposição do poema épico ao palco, relacionando processos de adaptação, resultados cênicos e condições históricas e políticas de produção.

É igualmente no Brasil, mas no final do século XIX, que se situa o estudo de Gilberto Araújo, “Leitura e censura de Camões em *O Ate-*

neu de Raul Pompeia”. O artigo investiga a presença de *Os Lusíadas* no romance de 1888 a partir da articulação entre leitura, censura, cultura material e recepção do épico. A análise parte da edição escolar censurada de *Os Lusíadas* preparada por Abílio César Borges em 1879 e acompanha as ressonâncias dessas práticas editoriais em *O Ateneu*. A tensão entre a lusofobia atribuída a Raul Pompeia e a centralidade do poema camoniano no romance permite compreender como a epopeia é submetida a um processo de inversão paródica, deslocando-se de sua função épico-didática para uma esfera ligada ao pornográfico e à ambiguidade moral.

Os dois últimos ensaios avançam para outros regimes de circulação da obra camoniana. Assim, o estudo de Julio Bandeira, “Camões, até onde os olhos alcançam: o Triunfo de Maximiliano I e *O Barroco* de Eugenio D’Ors», amplia o campo de investigação para as relações entre literatura, história da arte e cultura visual. O autor aproxima a visão do mundo não europeu presente em *Os Lusíadas* da dimensão universalizante associada à Procissão Triunfal encomendada pelo imperador Maximiliano I e recupera, a partir de Eugenio D’Ors, a ideia de Portugal e da Grécia como matrizes culturais da Europa. Nesse percurso, o Barroco surge como categoria capaz de iluminar processos de abertura da cultura europeia a outras regiões do mundo, entre elas o Brasil e o Oriente, permitindo pensar a obra camoniana em articulação com uma história mais ampla das formas de representação e circulação cultural.

Já Paulo Knauss lança luzes sobre um aspecto algo esquecido nas representações pictóricas do poeta no século XIX, anteriores ao grande festejo de 1880: a imagem de Camões elaborada pela criação artística associada à construção da ordem simbólica do governo e reinado de D. João VI, aí predominando a representação de Camões como guerreiro.

Além das sessões de trabalho, a música e a poesia se fizeram presentes na Sala dos Brasões. Devemos ao Conjunto Música Antiga

da UFF um programa que, sob o título de “Amor Enigma” girou em torno do tempo europeu de Camões, visitou autores variados e, com instrumentos de época, a todos encantou. E, na sessão de encerramento, 10 vozes femininas – na grande maioria de palestrantes – presentificaram, com a leitura de poemas escolhidos, a voz lírica do poeta.

Também num momento intervalar do Colóquio foi lido, por Isabel Almeida, um trecho divertido do folheto de cordel “Visita de Camões à vila de São Saruê”, que também integrou a exposição bibliográfica camoniana patente ao longo de junho/julho no nosso Salão de Leitura. Sob esse pretexto, trazemos aqui, na sessão “Vária”, a reprodução do folheto envolta numa notícia sobre o trabalho de dois artistas populares que, a seu modo, revisitaram Camões. Assim, sob o título “Zé Andrade, Salomão Rovedo e Camões: quando a arte popular recria a memória literária”, resgata-se a presença do nosso épico nessa outra deriva da criação.

Em seu conjunto, os estudos aqui reunidos fazem ver a vitalidade de Camões como objeto de investigação precisamente porque sua obra não se deixa reduzir a uma única tradição de leitura. Entre a análise textual e a história cultural, entre a literatura e o teatro, entre a escola e a censura, entre a tradição e a recriação, os diferentes contributos acompanham os deslocamentos de Camões por épocas, espaços e linguagens diversos. A coletânea procura, desse modo, não apenas visitar uma obra central da literatura portuguesa, mas também observar os modos pelos quais cada nova leitura, ao interrogar Camões, contribui para redefinir o lugar que ele ocupa no presente.

Gilda Santos

Universidade Federal do Rio de Janeiro / RGPL / PPLB